



Nós, Vida

Álvaro Cordeiro



Ulisses, terna criança que de seu destino pouco sabe. Outrora destemido guerreiro, abençoado pelos Deuses e aclamado pelos seus súbditos, tem agora o trabalho mais difícil de toda a sua existência: levar a sabedoria aos quatro cantos do planeta. Despojado do seu corpo forte e viril, Ulisses renasceu para o mundo no corpo de um menino que, sozinho, carregará eternamente todo o conhecimento dos antepassados.

Os Deuses atribuíram-lhe a missão de levar os livros, objecto do conhecimento, a todos quantos deles necessitem enquanto é forçado a iniciar uma busca pelos sábios escritores do amanhã.

Pobre menino, com tão grande fardo. Trazer sobre as suas frágeis costas os livros do antigamente para que os escritores do amanhã se revelem. Que nobre missão! Será Ulisses capaz?

Álvaro Cordeiro



Nós, Vida

Título: Nós, Vida

Autor: Álvaro Cordeiro

Revisão: João Batista * Livros de Ontem

Capa e paginação: Nádía Amante * Livros de Ontem

©2013, Livros de Ontem

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

I^a edição:

Tiragem:

Depósito Legal:

ISBN:

Livros de Ontem

Rua João Ortigão Ramos, 34, 6^ºF

1500 - 364 Lisboa • Portugal

www.livrosdeontem.pt

Álvaro Cordeiro



Nós, Vida

Romance

*A todos aqueles que.
À memória de todos que não.*

Nota de Autor

Ivo tem cinquenta anos e é médico. Lara é a sua mulher, são casados há vinte e quatro anos. Rico é escritor e tem a idade de Ivo. Max, Míria e Milo são irmãos, com idades descendentes pela ordem indicada, sendo Max o mais velho, com vinte e um anos. Nora, Dino e Túlio parecem ter a idade de Max, embora Túlio seja mais velho nas dores da existência e Nora mais nova na pureza dos sonhos. Anísia, Lígia e Narda já passaram os vinte e cinco anos, cada uma de maneira diferente.

E Nina, quem é?...

Um escritor está sempre a escrever a mesma coisa. Muda as palavras, reinventa-as, baralha e torna a dar as cartas no jogo da escrita, para mais uma vez dizer o mesmo. Dizer-se a si mesmo. Dizer-se a si mesmo ao outro. E dizer o outro, ou melhor, fazer com que o outro se diga a si mesmo também.

Este livro foi a primeira coisa que escrevi. Há cerca de trinta anos. Não era um livro, então. Eram folhas soltas de uma prosa densa, palavras com recheio pesado, manipuladas numa eloquência retorcida à procura de um estilo. Era um conjunto de quadros com três ou quatro

páginas cada um, que contavam episódios de gente comum que se cruzava em diálogos incomuns, vidas sem princípio nem fim, capturadas em segmentos do seu percurso. Chamei-lhe *Linha Reta*, por isso e também porque nunca dei a coisa por terminada. Mas aquilo era uma ficção da existência humana que, então, considerei demasiado próxima da essência para poder ser divulgada e, por isso, escrevi para a gaveta, preferi dizer-me apenas a mim próprio e a muito poucos privilegiados íntimos de mim, num aconchego bolorento que preservasse a humanidade daquela verdade demasiado profunda ou terrível ou absurda ou final.

Continuei a escrever. A mesma coisa. Continuei a dizer-me a mim mesmo de outras formas. E sucedeu que, por um imprevisível cruzamento de circunstâncias e cumplicidades, descobri o teatro como território para a minha escrita, um território privilegiado para processar a radiografia da essência humana a partir da exposição da sua existência. Ou o contrário, não sei. O teatro tornou-se o território da minha escrita, o ponto de chegada de todas as experiências e, ao mesmo tempo, uma fonte inesgotável de inspiração. Porque é um estímulo indizível o modo como os atores dão ao público, por meio dos seus corpos, vozes e sentimentos, tudo aquilo que sangrou de mim e se traduziu em meras palavras. Ver levantada num palco uma peça que, num prolongado sacrifício de agonia, eu deixei prostrada nas páginas de uma escrita, é algo que opera em mim uma cambalhota visceral que reanima todas as minhas funções e vontades.

Continuei a escrever. Baralhei e tornei a dar as palavras no jogo da escrita, jogado agora na mesa do teatro, onde se tornou enfim possível dizer-me aos outros e fazer com que os outros se digam a si mesmos. E muitas vezes, no movimento de eterno retorno entre o esgotamento funéreo de conclusão de um texto e o estremecimento nascituro de uma nova inspiração, olhei para a gaveta onde jazia, numa hibernação indistinta do túmulo, aquela escrita primordial que permanecia secreta, aquela história calada, aquelas personagens que só eu conhecia e me esforçava por mostrar ao mundo em todas as outras personagens que deitava no papel das peças de teatro, para que os atores as erguessem no palco.

Ivo tem cinquenta anos e é médico. Lara é a sua mulher, são casados há vinte e quatro anos. Rico é escritor e tem a idade de Ivo. Max, Míria e Milo são irmãos, com idades descendentes pela ordem indicada, sendo Max o mais velho, com vinte e um anos. Nora, Dino e Túlio parecem ter a idade de Max, embora Túlio seja mais velho nas dores da existência e Nora mais nova na pureza dos sonhos. Anísia, Lígia e Narda já passaram os vinte e cinco anos, cada uma de maneira diferente.

E Nina, quem é?...

Vivem todos na cidade dos homens, que é o único espaço que conhecem onde seja possível existir.

Porque é que abri a gaveta? Porque é que decidi, há quase dez anos, desenterrar a *Linha Reta* para transformá-la numa peça de teatro? Porque é que

me resolvi a reescrevê-la, dar-lhe um título novo e um desenlace para poder ser implantada num palco, exposta a toda a gente de quem sempre a escondi?

Acho que foi por causa deles. Os atores, o grupo de teatro para quem escrevi ao longo dos anos. Porque observá-los quando se encontram, espreitá-los quando ensaiam, apreciá-los quando partilham o que são e o que fazem... é contemplar o paraíso de uma verdade profunda, terrível, absurda e final. E senti que tinha que lhes oferecer também o mais profundo e terrível e absurdo e final de mim, que brotara naquela nascente cristalina de outrora. Para que eles o dissessem a si mesmos. Para que eles se dissessem. Para que eles se dissessem aos outros. Para que eles levassem outros a dizer-se a si mesmos.

Seja como for, o livro que não era um livro tornou-se, há quase dez anos, uma peça de teatro: *Nós, Vida* – este passou a ser o seu título – ressuscitou da gaveta e foi levado à cena e apresentado ao público. Há quase dez anos. O efeito que provocou foi bizarro, sem ser surpreendente: as pessoas perturbaram-se, deixaram-se perturbar até ao fim para poderem aplaudir a sua própria sensação de perturbação. E muitas delas, num segundo visionamento, procuraram visitar a mesma perturbação, na curiosa atração pelo abismo de luz daquelas personagens que viam como espelho de si próprias, daquelas histórias cruzadas que viam como reflexo da teia da sua própria história.

Nós. Vida.

Será que havia alguma verdade profunda e terrível e absurda e final neste livro que não era um livro e se tornou uma peça de teatro? Será que há, em absoluto, uma verdade profunda e terrível e absurda e final, da qual este livro que não era um livro e se tornou uma peça de teatro há quase dez anos possa ser um sopro, uma ponta de véu, uma insinuação? E, nesse caso, não terá sido a sua metamorfose em teatro excessivamente redutora? Porque o teatro é, por natureza, o espaço do efêmero onde tudo está condenado a morrer, onde a história se apaga no cartaz arrancado e na reciclagem dos figurinos para a peça seguinte, onde se abandona à curta memória dos homens, tão combustível na sua volubilidade, a responsabilidade de guardar para sempre o fogo sagrado das verdades ritualizadas no palco. Não terá essa espécie de existencialismo teatral sido, para *Nós, Vida*, uma gaveta mais sepulcral do que fora a anterior para *Linha Reta*, depois de tudo ter terminado?

É por isso que agora decido transformar a peça de teatro num novo objeto de prosa. Não é um regresso às origens, é um novo passo, dado para a frente. Não porque não se possa voltar atrás no tempo (o que é certo, mas não constitui razão para nada), mas porque, ainda que o fizesse, já não me encontraria o mesmo de há trinta anos. Então, escrevia para mim, para criar, na materialidade das palavras, um vínculo com as personagens que eram algo de mim. Depois escrevi para os atores, que deram corpo e voz aos sentimentos

das personagens, para que elas se dissessem. Agora, tantas vicissitudes passadas, descubro que escrevo para elas, as personagens que ganharam vida própria depois de terem sido corporizadas pelos atores e incorporadas pelo público. Escrevo também para elas, as pessoas do público, que, há quase dez anos, se olharam nas personagens como em espelhos e seguiram aquelas histórias cruzadas como reflexo da teia da sua própria história. Na curiosa atração por um abismo de luz. Escrevo ainda para todas as pessoas que não estavam naquele público e que são como as personagens, que são como nós, que têm uma vida que é como a vida das personagens, que é como a nossa vida.

Nós. Vida.

Ivo tem cinquenta anos e é médico. Lara é a sua mulher, são casados há vinte e quatro anos. Rico é escritor e tem a idade de Ivo. Max, Míria e Milo são irmãos, com idades descendentes pela ordem indicada, sendo Max o mais velho, com vinte e um anos. Nora, Dino e Túlio parecem ter a idade de Max, embora Túlio seja mais velho nas dores da existência e Nora mais nova na pureza dos sonhos. Anísia, Lígia e Narda já passaram os vinte e cinco anos, cada uma de maneira diferente.

E Nina, quem é?...

Vivem todos na cidade dos homens, que é o único espaço que conhecem onde seja possível existir. Mas vivem todos também num outro espaço, mais interior. Ainda que, porventura, nem todos tenham consciência

disso, porque desconhecem que seja possível ser fora da existência. Ou para além dela.

Este livro é sobre eles, sobre a vida deles, o que significa que não é sobre nada disto.

É sobre a vida. É sobre nós.

“Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!”

Álvaro de Campos, *Poema em linha reta*

“Mãe,
Porque é que os homens não são bons e simples?”

Milo, a páginas cento e doze.



Manhã.

Labaredas de amorfos ressurgires coloram o céu sem nuvens
das longes noites excomungadas.

Manhã e frémitos ópios acordam sorrisos de mecânica gente
sem onde nem quando.

Manhã e vazio.

Vazio é o nome sem nome dos abismos todos que percorri
e a sede de mergulhar neles foi corrosivo lume nas entranhas de mim
sem norte.

Vazio é o nome de tudo que mexe ao ritmo insípido do mundo-quenão-
para-de-rodar

vazias são as gentes enlatadas no tamanho único das urgências do
quotidiano.

Vazio sou eu

navegando pelo branco uma esferográfica que não zarpou
e vazio é o crime dos entes in-queridos

que me esvaziaram o balão dos sonhos com o espigão de cerrar os
dentes à realidade

Manhã.

Labaredas de amorfos ressurgires co
das longes noites exco

Manhã e frémitos ópios acordam sor
sem onde nem qu

Manhã e vazi

Vazio é o nome sem nome dos abis
e a sede de mergulhar neles foi corrosivo
sem norte,

Vazio é o nome de tudo que mexe ao ritm
para-de-rodar

vazias são as gentes enlatadas no tama
quotidiano.

Vazio sou eu

navegando pelo branco uma esfero
e vazio é o crime dos ente

que me esvaziaram o balão dos sonhos
dentes à realiti



Escuro demais, naquele quarto. O jovem Milo riscou o fósforo, desenrolou a chama: cor, calor, migalha de tremendo inferno que ele acordava sonhando em seus receios. Num gesto largo de onda que rebenta na praia, abriu o braço à escuridão, mas a tibia chama que empunhava nada encontrou: nem paredes, nem chão ou teto, e não havia objeto nenhum. Estranho quarto sem limites, com as dimensões de um braço aberto, de um sopro, de um olhar fito.

Consumido o fósforo, inexistiu o colorido quente, a migalha de inferno que rompe esse outro inferno bem mais real, o escuro vazio de um desterro nenhures. Milo sentou-se, cruzando as pernas no chão da sua inocência perdida, olhos fitos no nada. Quis lembrar-se de si, mas a lembrança fugia-lhe para ermas paragens de si próprio, onde mais ainda se perdia. Sorriu, sofreu e sonhou. Sempre tentara encontrar-se nos sonhos dos seus sonhos, porque não agora? Valia a pena tentar...

— Como te chamas?

O rosto angélico saído dos sonhos dos seus sonhos não reagiu.

— Como te chamas? – insistiu Milo.

— Estava passeando – chorou no vazio a voz cristalina quente. – Porque me perguntas?

— Apenas para entabular conversa – disse Milo. – É costume entabular conversa quando se encontra alguém conhecido.

— Está frio aqui – observou a voz do rosto angélico saído dos sonhos dos seus sonhos.

— Tens razão – respondeu Milo, – foi o meu fósforo que se apagou. Como te chamas?

Uma pausa incolor perdeu-se no silêncio negro.

— Saí do sonho do teu sonho e não me conheces? – replicou a voz.

— Não conheço senão o sonho do meu sonho – disse Milo. – Tu saíste dele e por isso já não te conheço.

O rosto angélico cresceu e Milo percebeu o contorno de uns lábios de mulher e sentiu sobre ele o veludo de um olhar meigo.

— Eu sou Nina, a mulher dos teus sonhos – disse a voz.

— Não existe mulher dos meus sonhos – disse Milo. – Os meus sonhos são luz quando adormeço em Deus e trevas quando mergulho em mim próprio. Não há mulheres nos meus sonhos.

Nova pausa pincelou de transparência a escura opacidade.

— Este sonho é um sonho do teu sonho e eu estou aqui – disse Nina.

— Saíste das obscuras profundezas de mim – disse Milo – e vieste do vazio que me enche de nada. Não és mulher nenhuma, mas novamente a treva de um sonho de mim próprio. Mas... que orvalho é este que me humedece a alma?

— Orvalho nenhum – soluçou Nina, – sou eu que choro dentro de ti.

Milo abanou a cabeça, num gesto de bandeira desfraldada.

— Não chores. Não te quis ofender, mulher dos meus sonhos – disse ele.

— Foi o próprio sonho do teu sonho que ofendeste, Milo – retorquiu Nina, – porque sonhas o que não queres sonhar e queres sonhar o que não sonhas. Queres ver luz apenas quando abres a fronte ao sol e não aceitas senão negrume quando cerras as pálpebras em ti mesmo. Mas não é assim.

Nova pausa, mais intensa agora, derramando já sobre Milo a irreprimível transparência.

— As flores refletem os raios do sol e a luz de Deus brilha no coração dos homens – disse Nina. – E enquanto não aceitares isso, os sonhos dos teus sonhos não deixarão de te atormentar.

— Se é assim, porque é que eu vejo a luz distante e a treva dentro de mim? – perguntou Milo.

— Porque é que o olhar da criança sorri quando o mundo inteiro chora em torno dela? – voltou Nina. – Porque é que o ancião lacrimeja quando todos lhe celebram alegremente a idade avançada?

— Porque infância é tempo de rir e velhice idade de pena – disse Milo.

— Também tu estás em tempo de cismar negrume e por isso não vês mais além, jovem Milo – retorquiu Nina. – Em breve afogarás a luz de Deus na tua própria escuridão e então nunca conseguirás o que ele quer para ti: a felicidade.

Pausa. A transparência que inundara Milo revolvía-se dentro dele.

— Se é assim, porque é que ele não ma dá? – perguntou.

Nina tentou responder, mas a voz distorcia-se-lhe em longínqua meada enriçada. Abriu mais a boca, pétrea caverna de eco infindável onde Milo se aventurou, tentando levantar-se do seu espanto e sofrendo em labaredas infernais o silêncio da resposta que não obtivera e a dor de ter perdido a mulher dos seus sonhos.

Mas, ao tentar pôr-se de pé, verificou que lençóis e cobertores lhe tolhiam o esforço. Estendeu o braço

e tateou no escuro pelo interruptor, mas em vão; encontrou somente uma carteira de fósforos, sobre a mesa de cabeceira. Escuro demais, naquele quarto. Milo riscou um fósforo, desenrolou a chama: cor, calor, migalha de tremendo inferno que ele acordava sonhando em seus receios.